

A OBESIDADE E A PROBLEMATIZAÇÃO DA CORPULÊNCIA NA IDADE MÉDIA

CEZAR BARBOSA SANTOLIN

Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
cezarsantolin@hotmail.com

LUIZ CARLOS RIGO

Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
lcrigo@terra.com.br

Introdução

Entre a problematização da intemperança e da estética corporal na Antiguidade e a maneira como a gula e a corpulência foram problematizadas no cristianismo ocorreu uma ruptura significativa. Como apontado por Foucault (1998a, 2006), a diferença entre a ética-moral pagã e a cristã parece ter sido o deslocamento de uma questão do bom uso dos prazeres para uma condenação do desejo e do prazer. Agostinho, por exemplo, ainda no século III-IV, teria pregado a abstinência em todas as suas formas, afirmando que o fato de gostar de comida seria um pecado (HISTORY CHANNEL, 2009).

Esse deslocamento ou ruptura, que o conceito de pecado implementa, parece ter ocorrido ainda no século IV d.C. Além de Agostinho, Pôntico teria feito uma lista das muitas tentações a que a alma humana estava exposta. Resumindo-as às mais perigosas, ele alcançou, no fim, oito, entre as quais estariam a gula, que poderiam levar a humanidade para o inferno. Ainda no mesmo século, o movimento monástico cristão teria intensificado a preocupação em abandonar-se aos sentidos, determinando regras severas quanto à comida e bebida. (HISTORY CHANNEL, 2009). Por fim, no mesmo princípio, Prudêncio publica a obra *Batalha da Alma*, em que apresenta a luta alegórica entre os vícios e as virtudes. Nele, a temperança é o oposto da libertinagem, onde estaria incluído a gula (WIKIPEDIA, 2011).

Percebe-se, portanto, a influência da noção pagã de vícios e virtudes na construção da ideia de pecado no cristianismo. Inclusive, nomear de pecado essas primeiras condenações às tentações e vícios, talvez, seja uma projeção retrospectiva. O termo pecado só teria passado a ser utilizada a partir do século VI, quando o papa Gregório diminui para sete a lista de tentações de Pôntico, mudou o nome para pecados e proclamou-os capitais, ou seja, principais (HISTORY CHANNEL, 2009).

Além de todo o suporte teológico e institucional à cristianização da doutrina dos vícios e virtudes, a condenação da gula parece ter se articulado, também, à medicina-filosófica ou filosofia-médica pagã entre os primeiros apologistas cristãos. Para Pôntico, por exemplo, a gula seria um pecado porque comer demais afetava a capacidade das pessoas rezarem. Ele teria escrito que da mesma forma que a neblina esconde os raios do Sol, o excesso de comida embotava a mente. Para Gregório, a gula seria mortífera tanto para a vida física quanto para a espiritual. Ele teria escrito que quando o estômago não é reprimido, as virtudes da alma eram destruídas (HISTORY CHANNEL, 2009). Ambas citações fazem eco a outra – ventre grosso diminui o senso – atribuída a Eusébio Sofrônio Jerônimo, também, no século IV (MANNUZIO, 1585; ROTERODAMUM, 1534; HIERONYMUS, 2011). Todos esses enunciados eram amparados por explicações fisiológicas dentro da doutrina médica do humoralismo desde o século I.

Também a ideia de que comer demais mata, causa ou agrava doenças se manterá ao longo do medieval, sustentada tanto por condenações morais quanto humoralistas. Como exemplos, há o caso do rei João da Inglaterra, no século XIII, que teriam escrito que a sua doença foi piorada por sua gula perniciosa. E no século XV, quando Eduardo IV morreu de causa desconhecida, a culpa, também, teria sido colocada na gula (HISTORY CHANNEL,

2009). Tendo em vista que não havia metodologia científica, esses enunciados que vinculam o pecado da gula com a morte devem ser entendidos dentro de um contexto fortemente marcado pela moral religiosa. Mesmo que não se coloque em questão a valoração atribuída a ambos saberes, não se pode atribuir a essas sentenças interpretações semelhantes aos enunciados de mesmo conteúdo emitidos contemporaneamente pela ciência moderna.

Além de causar ou agravar doenças e levar a morte, havia punições para os gulosos. Na literatura, o escritor Dante Alighieri, no começo do século XIV, dramatizou os horrores que esperavam os glutões em seu poema épico a Divina Comédia. Naquilo que Dante denomina 3º círculo do inferno, os gulosos eram mantidos, eternamente, debaixo da neve, uma chuva gélida e impura, que quando caíam no chão exalavam um odor fétido. Cérbero, um cachorro de 3 cabeças, vigiaria os pecadores “criminosos”, que uivam como cães enjaulados. Aquele que guia o protagonista pelo inferno enche a mão de terra e lança às goelas dos glutões. (HISTORY CHANNEL, 2009; ALIGHIERI, 2003).

Um pouco mais tarde, por volta do ano 1200 d.C, teólogos cristão criaram uma lista chamada sete virtudes celestiais. A temperança, colocada como oposto da gula, significava praticar moderação e abstenção. Diferentemente do paganismo, no cristianismo tal concepção de virtude adquire um caráter ascético, de condenação ao prazer e ao desejo e apologia à mortificação do corpo, além de se vincular a explicações metafísicas. Essa tendência ascética, que teria se desenvolvido principalmente dentro do movimento monástico, como apontado por Foucault (1998a), já estaria presente nos fundadores da Igreja. Alguns deles, como afirma Magner (2005) teriam afirmado, até mesmo, que o espírito de deus não era encontrado em corpos saudáveis. Há, ainda, relatos de mulheres, que posteriormente foram santificadas por levarem esse ideal de temperança abstinência ao extremo, como Catarina de Siena, Clara de Assis e Verônica, que passavam fome por deus, recebendo a alcunha de santas anoréxicas (HISTORY CHANNEL, 2009).

Aquino (1984, p.305-6), no século XIII, define pecado como “apetite de um bem perecível que se deseja de maneira desordenada, e em cuja posse alguém se deleita, conseqüentemente, de maneira desordenada”, sendo a gula um pecado carnal – ao invés de espiritual – já que o prazer ou o bem-estar provinha dos alimentos, ou seja, do “tato corporal”. Apesar disto, a gula não seria o pior pecado carnal, pois ele não absorveria a razão da mesma forma que a “fornicação”. O perigo da gula provinha do fato de ela ser uma espécie de precursor para outros pecados (HISTORY CHANNEL, 2009). Aqui, observa-se uma justificativa semelhante à apresentada pela medicina antiga e medieval: da mesma forma que a comida excessiva produzia pletora (sangue excessivo) que levava à patologias, a gula poderia levar a outros pecados, sobretudo, relacionados à sexualidade. Em ambos os casos, os discursos se articulam para reafirmar a repreensão, a interdição e a condenação à intemperança ou à glotonaria.

Além de não haver um olhar biológico sobre o corpo, não havia quaisquer medidas de avaliação quantitativas, sendo, portanto, impossível que houvesse algo parecido com o discurso contemporâneo da obesidade. Mesmo que a palavra *obesus* e suas derivações tenham sido utilizadas no medieval e sejam, talvez, encontradas em documentos, esse termo não possuía a semântica que lhe será atribuída no desenrolar dos séculos XVIII-XIX, quando será associada à medidas de massa corporal, ou XX, que se relacionará ao Índice de Massa Corporal (IMC). *Obesus*, em latim, seria uma das declinações de *ob edere* – se dirigir à comida – e, geralmente, vinha acompanhado da palavra *nimia* – excessivamente, ou seja, *obesus* ou *obesus nimia* se referia àquele que se dirige à comida excessivamente ou come excessivamente. Considerando tais ressalvas, os registros encontrados de tais termos durante o período medieval devem ser entendidos como equivalente à gula, sobre forte influência da condenação moral dentro da estrutura teológica cristã. Apesar desta condenação ter sido amparada pelo humorismo, considera-se que tais concepções divergem significativamente do discurso contemporâneo patologizante da obesidade, principalmente, por fazer referência a um *êthos* – à maneira de agir, ou seja, ao ato de comer excessivamente – e não ao corpo ou a

constituição corporal.

Ressalta-se, ainda, que durante a Idade Média e mesmo ao fim dela, encontrava-se altas taxas de mortalidade, que seriam até três vezes maior que as atuais. A guerra, as epidemias de doenças infecciosas e a fome seriam os principais motivos (MAGNER, 2005). Ao invés de preocupações com uma corpulência excessiva decorrente de abundância alimentar, o medo da fome caracterizaria melhor a história da civilização ocidental até o século XX (DELUMEAU, 2002). A corpulência e a gula, no período, teriam sido preocupações raras, praticamente exclusiva das classes mais abastadas, ou seja, da igreja e da aristocracia. Mas mesmo àqueles indivíduos pertencentes à aristocracia ou à Igreja, aparentemente, nunca foi aprovada a corpulência excessiva ou a gula, mas não por motivos de saúde, porém devido às correntes filosóficas, éticas, estéticas, morais e/ou religiosas.

Apesar do exposto, Repetto (1998) relata o caso de um nobre e de um rei que teriam tido problemas com a “obesidade”. Mantendo uma ressalva quanto ao termo empregado, considerou-se tais proposições para testar a hipótese se, ao menos, a corpulência e a gordura corporal excessivas seriam vistas como doenças – ainda que a noção patológica medieval seja diferente da moderna. A abordagem metodológica foi pendular: dos discursos deste autor à contraposição com fontes históricas e de outros historiadores. Buscou-se, com isto, explicitar como as histórias vão se modificando, como na brincadeira do telefone sem fio.

Sancho

No primeiro caso, Repetto (1998, p.6) comenta sobre um rei, da província de Leão, chamado Sancho I, que teria reinado entre 958 a 960. O autor afirma que ele teria sido “considerado inapto por ser extremamente gordo” e que “foi deposto por sua própria corte” por este motivo. Após isto, sua avó teria procurado tratamento com um médico árabe – Hisdai Ibn Shaprut – do reinado vizinho – Córdoba – e conseguido a “cura” do neto através de um medicamento que inibia o apetite. Com o emagrecimento, Sancho teria retomado seu reino e unificado Leão e Córdoba. Por fim, afirma, ainda, que o rei teria ficado conhecido como “o gordo” por conta disto.

A fonte de tais informações provém de um artigo em que Hopkins e Lehman (1995) respondem ao artigo de Lascaratos (1995), relatando o caso do monarca e afirmando ser este o primeiro caso de tratamento médico da obesidade. Esses autores, por sua vez, citam Potok (1978), que conta a história sobre a vida e a influência do médico judeu – e não árabe, como Repetto (1998) afirma – Hasdai Ibn Shaprut – ao invés de Hisdai, como Potok (1978) e Repetto (1998) grafam.

O primeiro assunto a tratar – a alcunha do rei – traz um consenso entre as fontes consultadas. O monarca teria recebido a alcunha de “o crasso” ou “o gordo”. Assim como no português, crasso, no latim, significava grosso, espesso ou grande. Já o adjetivo gordo parece ter mantido, em países ibéricos, a mesma semântica que no português, remetendo à gordura. Uma fonte faz referência direta à “demasiada gordura” corporal do rei (LLESCAS, 1577, p.244), já outras citações relatam que o monarca era “muito grosso de carnes” (CARION, 1553, p.385-6) ou “estranhamente grosso” (LLESCAS, 1577, p.244).

Quanto à deposição de Sancho I, apenas uma das fontes antigas encontradas afirma que teria sido a corpulência o motivo (CASTRO, 1762). Herculano (1853) afirma que fora a ambição de Ordonho e Fernando Gonçalves que depuseram o rei. Já Carion (1553) não comenta nada sobre o motivo. Llescas (1577, p.244) afirma que o motivo de sua deposição foi o fato de o rei ser “*muy niño quando su padre murio: y tambien porque a penas era tonido por legitimo*”, ou seja, devido à idade do rei e a questão da legitimidade de seu direito ao trono. Por fim, uma outra fonte afirma que teria sido em decorrência da derrota para os muçulmanos, em 957, quando ele teria perdido o apoio da aristocracia, que o depôs e coroou seu irmão em seu lugar (WIKIPEDIA, 2011).

Há consenso entre as fontes consultadas que o monarca teria se refugiado em Navarra

e, depois, em Córdoba, rearmado-se com a ajuda do rei local e retomando o poder em 960, reinando até sua morte no ano de 966 (CARION, 1553; LLESCAS, 1577; HERCULANO, 1753). Já a respeito do médico, Carion (1553) e Llescas (1577) confirmam que houve um tratamento eficaz pelo médico do rei de Córdoba, mas não mencionam qualquer nome. Outra fonte menciona que sua participação teria sido, principalmente, diplomática no auxílio à retomada do poder (WIKIPEDIA, 2011).

Houve outro rei português – Afonso II – que recebeu as mesmas alcunhas que Sancho. Apesar disso, não foi deposto, o que sugere que a corpulência não era, de fato, um motivo “capaz de derrubar tiranos” nem no império romano, como afirma Repetto (1998, p.4), nem após mil anos.

Portanto, de acordo com as fontes e evidências, bem como o contexto histórico, conclui-se, que, dificilmente, a questão da corpulência ou da gordura de Sancho teria sido o motivo de sua deposição, indicando que a causa mais provável fora a derrota para os mouros, sua idade ou sua legitimidade. Tendo em vista que Afonso II recebeu a mesma alcunha de Sancho I e não foi submetido a tratamento algum, é mais provável que o papel do médico tenha sido político. Assim, tem-se nos textos de Repetto (1998) e Hopkins e Lehman (1995) não somente uma descontextualização semântica no emprego da palavra obesidade, que possui um significado diferente na modernidade, mas uma projeção retrospectiva do valor atribuído à tal característica corporal pelos autores. Conclui-se, enfim, que tal relato não sustenta a proposição de que a obesidade era uma preocupação no período medieval, problematizada da mesma forma que na contemporaneidade e que havia um discurso patologizante da obesidade no período medieval.

Gavalas

No segundo caso citado por Repetto (1998, p.6), relata-se a história de um nobre – “Gavelas” – que teria tido “problemas para se casar com a sua prometida, que o rejeitou por achá-lo muito gordo e flácido”. E segue a narração:

O noivo, desesperado e inconformado, mandou vir da Itália um médico famoso que lhe cobrou uma grande soma. Sob a orientação desse médico, Gavelas abandonou todos os seus afazeres e responsabilidades para dedicar-se exclusivamente a seguir as suas instruções: banhos, drogas eméticas e purgativos, exercícios e uma dieta restritiva. Ele perdeu peso, enfraqueceu, porém conseguiu casar-se com a sua amada – outro final feliz relacionado ao emagrecimento. (REPETTO, 1998, p.6)

A fonte de tais informações provém do artigo de Lascaratos (1995). Ao pesquisar neste, várias inconsistências são encontradas em relação ao relato de Repetto (1998). Primeiramente, no pequeno artigo daquele autor, há uma ampla contextualização histórica em torno de disputas políticas envolvendo a crise de sucessão ao trono após a morte de Andronicus III, as quais Cantacuzenus – e, não Cantecuzenus, como Repetto (1998) grafia – esteve envolvido. Anne de Savoy, a viúva, teria nomeado seu filho, ainda menor, imperador, sendo apoiado por Apocaucus, que foi apontado como governador de Constantinopla e cidades vizinhas. Cantacuzenus teria, então, se auto nomeado imperador de Didymotichus na Trácia, instaurando uma crise de sucessão passível de guerra civil.

Gavalas, um ministro de relações exteriores, entra na história por apoiar, a princípio, Cantacuzenus e, depois, mudar de lado. O novo governante de Constantinopla, buscando a fidelidade de Gavalas, nomeou-o a um alto cargo e prometeu a ele sua filha em casamento para que este guerreasse contra Cantacuzenus. Algum tempo se passou e Apocaucus, aparentemente, desejava manter sua promessa. Entretanto, a noiva e sua mãe teriam declarado que “o pretendente era muito gordo” (LASCARATOS, 1995, p.54). Aqui, Repetto (1998) acrescenta, deliberadamente, a palavra flácido e omite que a mãe da prometida exercera papel na história.

Segundo o relato de Cantacuzenus, que na época teria se tornado inimigo tanto de um quanto do outro, Apocaucus teria indicado a Gavalas procurar um médico, pois assim “sua barriga sumiria e ele apareceria mais fino e digno para o amor porque, assim como ele era, ele aparentava desgosto com a assimetria de sua carne”; assim, um médico da Itália teria sido chamado e Gavalas “recorreu às mais ridículas ações para conquistar o amor da noiva”, como “banhos, drogas, vômitos, purgativos e uma dieta rigorosa”; com o tempo, “o paciente se tornou cansado e fraco ainda que sua barriga encolhia, mas pouco. Cantacuzenus, como um historiador e uma parte interessada, confirmou que a obesidade foi um pretexto porque Apocaucus depois tentou destruir Gavalas politicamente” (CANTACUZENUS *apud* LASCARATOS, 1995, p.54).

Ressalta-se que o artigo de Lascaratos (1995), utilizado por Repetto (1998), não afirma que Gavalas teria se casado. Não se sabe como este autor deduziu esta informação. Apesar disto, percebe-se que em seu relato esta informação integra o todo dando ao final da história um desfecho satisfatório em torno da questão do emagrecimento. Além disto, Repetto (1998), ao omitir todo o contexto político que envolveu o emagrecimento de Gavalas, faz parecer que havia, na época, a mesma preocupação da atualidade, naturalizando historicamente o problema. Além disso, percebe-se, no relato de Lascaratos (1995) que a motivação teria sido estética: por conta da assimetria da carne.

Quando se recorre à fonte de Lascaratos (1995), a obra *Historiae Bizantinae* de João VI Cantacuzenus (*apud* SCHOPENI, 1831, p.493), Imperador de Bizâncio entre 1347 e 1354, as passagens em grego e latim não trazem nenhum termo relacionado à gordura. A palavra latina *obeso* aparece uma única vez como equivalente à polisarquia. Este termo, do grego, é uma construção lexical composta pela justaposição de *poli* – muito ou abundante – e *sarco* – carne. Assim, *polisárquico* é um adjetivo para “carnudo, “carnoso” ou “com muitas carnes” (FERREIRA, 1984) – o que engloba tanto a possibilidade de uma leitura biológica quanto moral. Tendo em vista que tal tradução fora realizada em 1831, o adjetivo *obeso* pode ser considerado uma escolha inapropriada para a semântica em grego. Ainda menos adequada seria a total descontextualização semântica praticada por Lascaratos (1995) e Repetto (1998), que utilizam termos relacionados à gordura corporal e obesidade.

Constatou-se, ainda, no relato apresentado, que havia uma associação entre o “carnoso” e a força física e política – apesar daquela ser considerada feia. Não há referências à gordura corporal na passagem que justifique a utilização do termo obesidade. Por fim, refuta-se as sugestões de que o caso apresentado seja equivalente à estrutura discursiva patologizante contemporânea à respeito da obesidade. Além de não haver quantificações de massa corporal ou IMC, não haviam a noção de gordura corporal excessiva, que seria o núcleo conceitual de obesidade, nem a condição seria vista como doença.

Conclusão

Conclui-se que as referências bibliográficas e documentais apresentadas para a argumentação de que havia o conceito de obesidade na Idade Média e que esta era considerada uma doença, como atualmente, não sustentam tais alegações. A problematização do volume corporal nos casos analisados não foi patológica, mas estética, moral e/ou religiosa. Não havia quantificação da massa corporal ou IMC, utilizados na definição contemporânea do termo obesidade. Assim, considera-se que os enunciados a respeito do período medieval provêm de descontextualizações históricas e linguísticas.

Referências bibliográficas

ALIGHIERI, D. **A divina comédia**. São Paulo: Atena, 2003. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acessado em 23/02/2011.

AQUINO, T. de. **Suma teológica**. São Paulo: Loyola, 1984.

CARION, J. **Suma y compendio de todas las chronicas del mundo**, desde su principio hasta el ano presente. Espanha: Martin Nucio, 1553.

CASTRO, J. B. de. **Mappa de Portugal antigo, e moderno**. 2ª ed. Lisboa: Francisco Luiz Ameno, 1762.

DELUMEAU, J. **A história do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

FERREIRA, A. B. De H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998a.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HERCULANO, A. **Historia de Portugal**. Lisboa: Bertrand e filhos, 1853.

HIERONYMUS, E. S. **Letters**. Disponível em <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.html>. Acessado em 21/02/2011.

HISTORY CHANNEL. Gluttony. In: **The seven deadly sins**. Estados Unidos: A&E, 2009.

HOPKINS, K. D.; LEHMANN, E.D. Successful medical treatment of obesity in 10th century Spain. In: **The lancet**. Londres: Elsevier. Vol. 346, Agosto, 1995, p. 452.

LASCARATOS, J. Medical management of obesity in 14th century Byzantium. In: **The lancet**. Londres: Elsevier. Vol. 346, Julho, 1995, p. 54-55.

LLLESCAS, G. de. **Historia pontifical y catholica**. Salamanca: Gaspar de Portonariis, 1577.

MAGNER, L. N. **History of medicine**. 2ª ed. Estados Unidos: Taylor & Francis, 2005.

MANNUZIO, P. **Adagia quae cum que ad hanc diem exierunt**. Veneza: Uitorum Societate, 1585.

POTOK, C. **Wanderings**: Chaim Potok's history of the jews. New York: Alfred A. Knopf, 1978.

REPETTO, G. Histórico da obesidade. In: HALPERN, A. *et al.* **Obesidade**. São Paulo: Lemos, 1998.

ROTERODAMUM, E. **Divi Eusebii Hieronymi Stridonensis**. Paris: Claudio Chevallonium, 1534.

SCHOPENI, L. **Ioannis Cantacuzeni eximperatoris historiarum**. Livro IV, Vol. 2, Bonnae: Weberi, 1831.

WIKIPEDIA. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/>. Acesso em 02/01/2011.

Endereço do autor principal para correspondências:

Cezar Barbosa Santolin

Rua Sete de Setembro, 913 – Centro – CEP 85960-000 – Marechal Cândido Rondon/PR

Telefone: (45) 88057869 ou 32548471 – E-mail: cezarsantolin@hotmail.com